

E se uma exposição fosse um conjunto de intervenções em que um edifício aprende a ser um museu, onde o espectador decide o que quer aprender e onde se experimentam novas formas de estarmos juntos? *Quatro variações à volta de nada ou falar do que não tem nome* é uma exposição concebida como um processo de investigação no qual a arte é entendida como um conjunto de encontros e situações que acontecem ao longo do tempo. Quatro variações, quatro salas, quatro conceitos: ferramenta, método, ideia e sistema – os eixos estruturantes do pensamento e do fazer de Nicolás Paris.

A primeira sala organiza-se em torno da ideia de «ferramenta»: desenhos, exercícios pedagógicos, utensílios, jogos, protótipos. Aqui o pensamento é considerado um exercício e as ferramentas um apoio para projetar as ideias. Não são técnicas de representação, mas antes um sistema de pensamento que permite intercambiar reflexões.

QUATRO VARIAÇÕES À VOLTA DE NADA OU FALAR DO QUE NÃO TEM NOME

Nicolás Paris

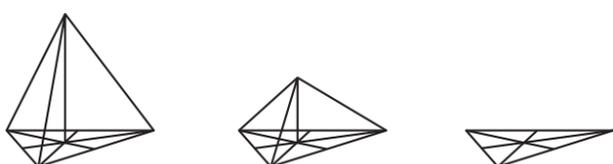
1

topologia

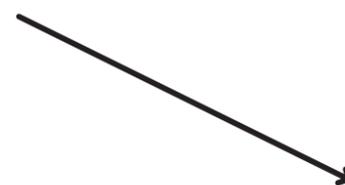
ideias

geometria

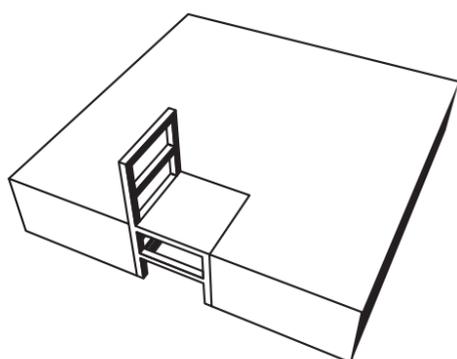
compasso
palavra
desenhar
fita-cola
lápiz
erro
especular
hábitos
olhar
perguntar
fazer
tesouras
perder o tempo
duvidar
não entender
aprender
desaprender
construir
autoconstruir
destruir
montar
desmontar
cortar
tocar
caminhar
escabichar
classificar
recordar
esquecer
projetar
intercambiar
dizer não
expandir



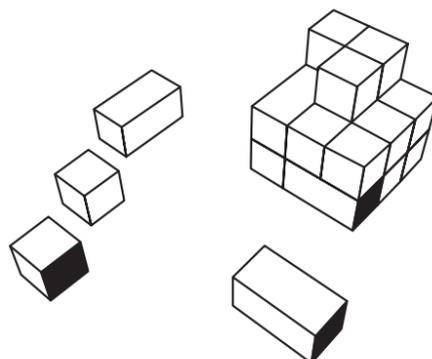
Na segunda sala é apresentado o «método». Repensando e testando o conceito do espaço da sala de aula, propõe-se a arquitetura como um método construtivo que se transforma num processo de trabalho e num conjunto de rotinas, que dão origem a espaços de intercâmbio, onde se criam hábitos de convivência e de aprendizagem. Cada sala de aula, onde o espectador decide o que quer aprender e desaprender, é um edifício, em que os interesses do artista se cruzam com as experiências dos espectadores. Cada maquete oferece um lugar para a descoberta de afinidades, uma arquitetura que serve de gatilho para pensar diferentes formas de relação, num processo de aprendizagem e de erro.



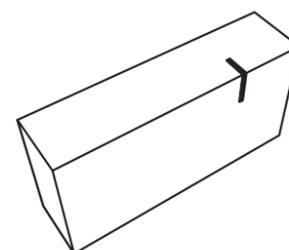
Sala de aula para aprender a andar para trás
Desaprender. Avançar quase nunca é ir em frente.



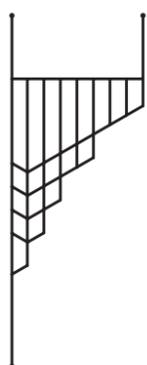
Sala de aula para desaprender
Autoaprendizagem, autoverificação, armar e desarmar.



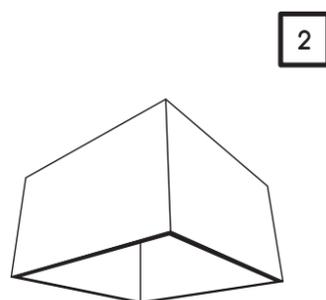
Sala de aula para aprender a dizer «não»
Evitar, exercício de resistência, perímetro, decidir o que aprender.



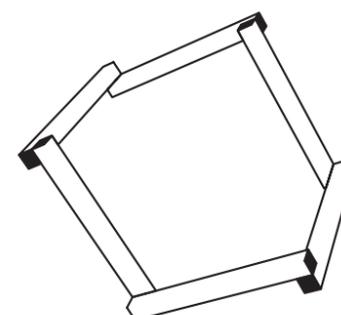
Sala de aula para ler nas entrelinhas
O que está escondido, o que não se vê, a possibilidade.



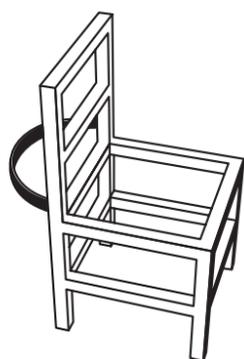
Sala de aula para ver as ideias crescer ou para entender como opera a natureza
Explosão lenta, tempo, aumentar, incubar, trepadeiras.



Sala de aula para a curiosidade
Abrir e fechar, coisas que podem possivelmente ser algo, ver o que está por trás, o labirinto perfeito.



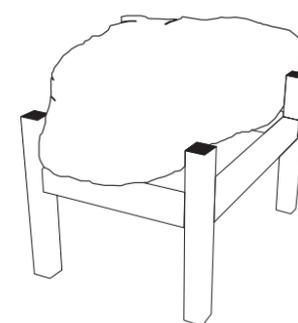
Sala de aula para a dislexia ou para o pensamento topológico
Ordem invertida, mutação, evolução da forma, transformação dos materiais.



Sala de aula para pensar com o corpo
(pensando em Merce Cunningham)
Sinapse corporal, lugar para aprender movendo-nos.



Sala de aula para o erro
O incorreto, opções para falhar, possíveis caminhos para nos equivocarmos.



Sala de aula para saber esperar
Ócio produtivo, caminhar em círculos, repetir.

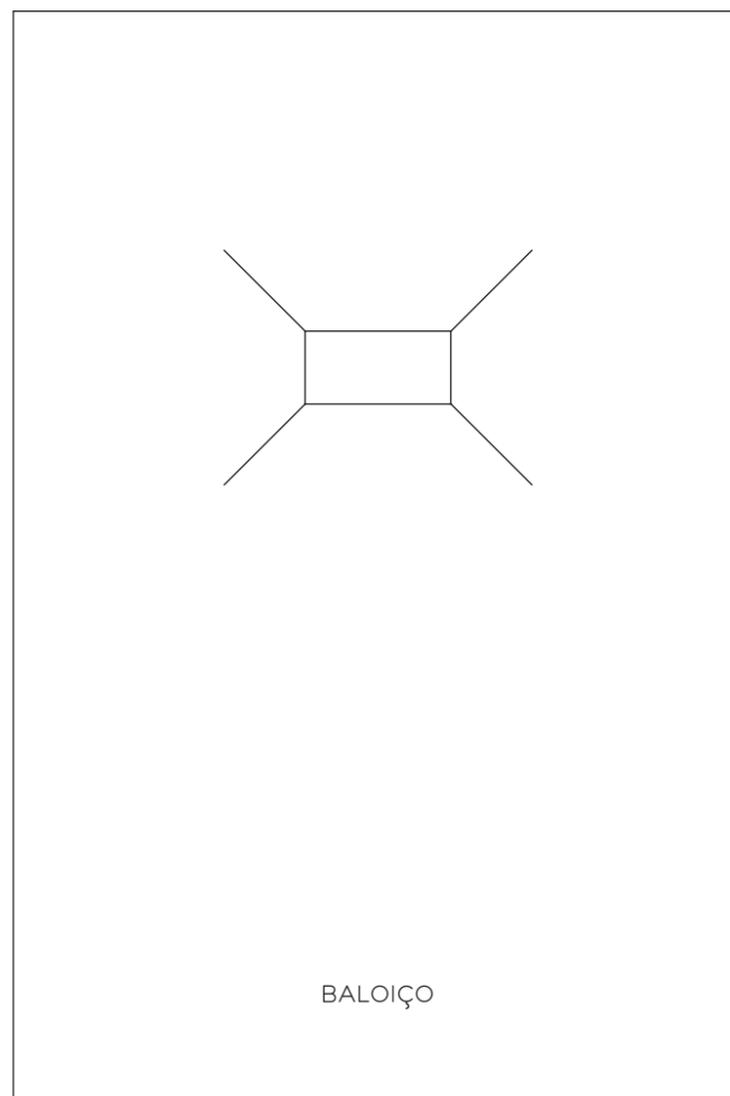
SERVIÇO EDUCATIVO

Visitas orientadas à exposição
29 novembro e 20 de dezembro
(por Nicolás Paris e Filipa Oliveira)
10 janeiro, 7 fevereiro, 6 março
Sempre às 16h, entrada gratuita

Férias de Natal
O desenho como ferramenta
4–6 anos
28 a 30 dezembro,
das 9h30 às 17h30

Atividades para escolas e famílias
Marcações e mais informações
(2.ª a 6.ª feira, 10–18h):
T. 213 612 800
servicoeducativo@museuberardo.pt

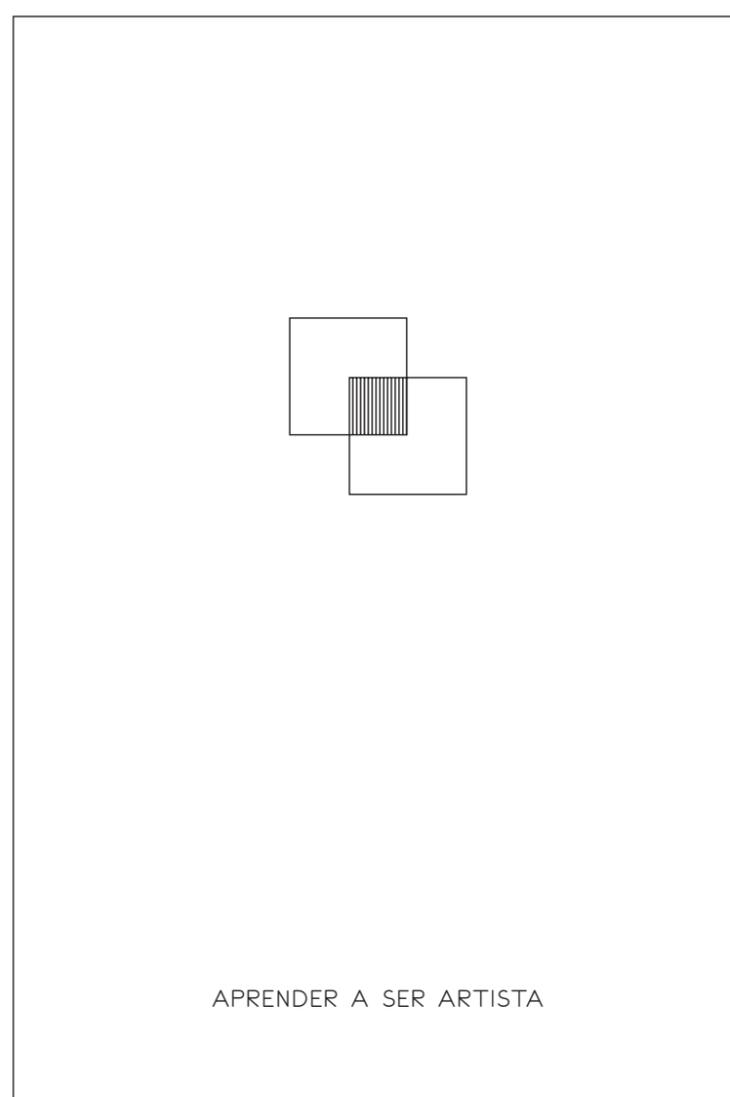
Para abordar a «ideia» a exposição muda de escala. Numa pequena intervenção arquitetónica, um objeto insinua que a ideia é algo sempre em construção e desenvolvimento. Algo transformador, ao qual não conseguimos aceder totalmente. Algo que tem várias possibilidades de crescimento, que surge com o tempo e que é da responsabilidade de cada espectador.



CONVOCA-SE O VISITANTE

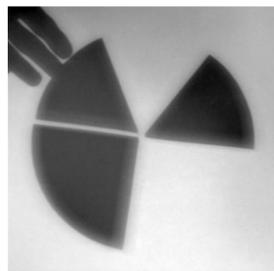
Esta exposição apresenta uma investigação que tem uma ênfase nos processos de difusão mais do que nos processos de produção da arte. Um dos seus desígnios é pensar na arte como um intercâmbio de reflexões. Neste sentido, com a abertura da exposição, torna-se pública uma colaboração muito próxima entre o artista e o serviço educativo, da qual resulta um conjunto vasto de atividades, situações e oficinas dentro e fora do museu. Uma escola temporária feita de processos de participação, de generosidade, de partilha de conhecimento, nos quais o visitante é convidado a participar.

3



E por fim, o «sistema». Se normalmente a educação seria o sistema e a arquitetura o método, neste lugar a lógica é invertida. A educação é aqui pensada como uma organização conceptual lógica que nos permite aprender por associação. Um processo que possibilita a reflexão e a produção de ideias e que inicia uma ou muitas experiências.

Filipa Oliveira, curadora



Eclipse



Tensegridade



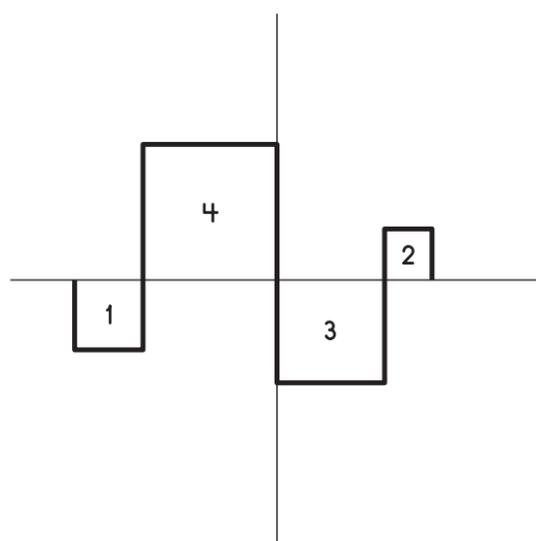
Cata-vento



Topologia



Semente



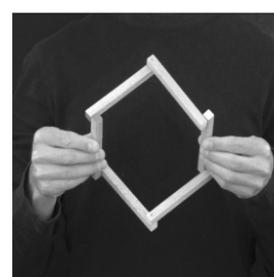
1. FERRAMENTA
2. MÉTODO
3. IDEIA
4. SISTEMA



Filigrama



Hexagrama



De triângulo a hexágono
(pensando em Bruno Munari)



Não culpem ninguém
(pensando em Julio Cortázar)

Entrada gratuita com o apoio de:

Associação de Coleções

Apoio à exposição:



Embajada de Colombia en Portugal



EGEAC galeriasmunicipais



Museu Coleção Berardo

Aberto todos os dias, 10–19h. Entrada gratuita
Praça do Império. 1449-003 Lisboa. • T. 213 612 878 / F. 213 612 570
museuberardo@museuberardo.pt • www.museuberardo.pt